



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **COLONIZAÇÃO, TRADIÇÕES CULTURAIS, RELIGIOSAS E EDUCACIONAIS: Comunidade São Pio X – Francisco Beltrão – Paraná**

(Autora 1): Aline Tortora de Oliveira; (Orientadora): Sônia Maria Marques Santos

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) / Campus Francisco Beltrão - PR*

*E-mail: [beltrao.mestradoedu@unioeste.br](mailto:beltrao.mestradoedu@unioeste.br) e [mestradoeducacaofb@gmail.com](mailto:mestradoeducacaofb@gmail.com)*

**Resumo:** O artigo desenvolvido tem como objeto de estudo, as questões históricas, culturais, religiosas e educacionais em torno da migração e colonização do Paraná, destacando a ocupação das terras da antiga Vila Marrecas, hoje Francisco Beltrão, e comunidade do Km 20, hoje São Pio X. A comunidade citada, realiza festividades da cultura italiana, tentando preservar suas origens, compartilhando suas tradições com os grupos de circunvizinhanças. No processo de migração várias famílias colonizaram aquelas terras, mas há necessidade de buscar informações, sobre o início do povoamento na comunidade. O problema de pesquisa deve-se, ao seguinte questionamento: a comunidade Pio X surgiu com o crescimento da cidade ou já havia posseiros nas terras antes mesmo da criação da Vila Marrecas? E para complementar minha problemática, abordo também as crenças religiosas e história da educação na comunidade. Identificando de que maneira se desenvolveu e mantém-se até os dias atuais. Para responder estas questões, faço um estudo sobre a migração e colonização do Paraná de acordo com os autores: Lazier (1986-2003), Wachowicz (1985), Martins (1986), entre outros que ajudam a compreender estes acontecimentos, busco também nos documentos da igreja e da escola, mais respostas ao problema de investigação. Para a metodologia, utilizo acervo documental, entrevistas e revisões bibliográficas. Com este trabalho, aponto as datas do início da colonização da comunidade estudada e as primeiras construções realizadas.

**Palavras chaves:** Processo de colonização, Sudoeste do Paraná, Francisco Beltrão, Comunidade São Pio X.

## **COLONIZAÇÃO, TRADIÇÕES CULTURAIS, RELIGIOSAS E EDUCACIONAIS: Comunidade São Pio X – Francisco Beltrão – Paraná**

Aline Tortora de Oliveira <sup>1</sup> e Sônia Maria Marques Santos <sup>2</sup>

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) / Campus Francisco Beltrão – PR*

*E-mail: [mestradoeducacaofb@gmail.com](mailto:mestradoeducacaofb@gmail.com) / [alinetortoradeoliveira@hotmail.com.br](mailto:alinetortoradeoliveira@hotmail.com.br) e [mrqs.sonia@gmail.com](mailto:mrqs.sonia@gmail.com)*

### **1. Introdução**

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia (2015); cursando Artes Visuais - UNOPAR (2015-2018), e Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Campus de Francisco Beltrão-Paraná-Brasil. E-mail: [alinetortoradeoliveira@hotmail.com.br](mailto:alinetortoradeoliveira@hotmail.com.br)

<sup>2</sup> Professora Doutora. Adjunta da Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: [mrqs.sonia@gmail.com](mailto:mrqs.sonia@gmail.com)

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



Elaborar este artigo é um desafio, primeiramente pela necessidade de entender o processo histórico da Vila Marrecas hoje cidade de Francisco Beltrão, Paraná e em seguida pela vontade de registrar a história da comunidade a partir dos espaços privilegiados: a igreja, escola e suas circunvizinhanças.

Desenvolver esta pesquisa, foi apenas o início da longa caminhada que ainda preciso percorrer, por isso lembrei-me da frase “um dia aprendi que sonhos existem para tornar-se realidade. E, desde aquele dia, já não durmo pra descansar. Simplesmente durmo para sonhar” (Walt Disney).

Pensando em responder ao problema de pesquisa, procuro nos autores e moradores da comunidade, descobrir informações sobre o início da colonização do Km 20, revelando a data de chegada dos pioneiros e das primeiras construções históricas realizadas na comunidade: igreja e escola.

A escola foi a primeira necessidade e preocupação encontrada pelos moradores que chegaram na comunidade, portanto aponto um breve histórico da educação na comunidade, afim de compreender as escolas construídas pela CANGO e sua importância nos dias atuais.

O artigo está estruturado em três momentos: No primeiro, abordo o processo Migratório e ocupação das terras Paranaenses, com ênfase para os migrantes descendentes de italianos; no segundo, aponto o processo de início da colonização da Comunidade São Pio X; e os costumes religiosos, presentes na comunidade; terceiro, descrevo a história da Educação formal na Escola Basílio Tiecher, Comunidade São Pio X.

Abordar a história, é voltar o olhar para o passado, afim de compreender os acontecimentos daquele momento, apresentando a história, os registros, documentos relacionados a vida na localidade em outra temporalidade. Portanto, no artigo apresento ideias preliminares do estudo realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão PR.

## **2. Metodologia:**

O artigo é parte da pesquisa em andamento, para tanto a escolha metodológica é a etnografia, pois mostra-se como a melhor forma de acessar as informações para responder aos problemas de pesquisas. Utilizarei dos seguintes instrumentos de coleta de informações: Diário de Campo, observação e descrição, entrevistas narrativas, registro fotográfico (registrados pela



pesquisadora e acervo dos moradores da comunidade) e acervo documental.

## **Resultados e Discussão:**

### **3. Ocupação das terras Paranaenses: a chegada dos descendentes de italianos no Sudoeste.**

Paraná das ricas matas araucárias, solos férteis, bom clima, e muitas fontes fluviais, ambiente calmo e sereno, propício para os povoados indígenas e caboclos, que aqui estavam morando e cultivando as terras. Plantavam para o consumo, e viviam basicamente da caça e pesca. As matas fechadas também serviram de abrigo e refúgio para os bandidos fugitivos da polícia e assim aos poucos os demais migrantes, descobriram este espaço. Wachowicz (1985), afirma que:

Quando em 1808 o príncipe regente português D. João aportava ao Brasil, trazia de Portugal uma séria preocupação: ocupar os campos que ficavam na região central do território que mais tarde iria formar a Província do Paraná. Eram os conhecidos Campos de Guarapuava. O governo português no Brasil demonstrou muita pressa para concretizar esse objetivo. Toda a área que ia dos Campos Gerais até o rio Paraná estava virtualmente desocupada (WACHOWICZ, 1985, p.9).

No entanto, o processo de imigração no Brasil foi intenso, vieram pessoas de todos os lugares do mundo, inclusive famílias italianas em busca de novas oportunidades, colonizando as mais diversas regiões do Brasil e do Paraná. Na entrevista sobre a cultura italiana, realizada com o morador do São Pio X, Gasparin (2016), houve a afirmação:

Somos descendente de italiano, italiano mesmo, meu bisavô veio da Itália, então eles atravessaram o mar, eles levaram seis meses para vim no Brasil, eles ficaram seis meses no navio dentro do mar, se morria pessoa eles enrolavam no lençol e largavam no mar, porque naquela época o navio, ele ia conforme o vento, então os nonos lá passavam pra mim de criança, onde que pendia o vento o navio ia, as vezes fazia lá tantos km por dia e de repente o vento virava e voltava tudo lá pra trás, então eles ficaram seis meses dentro do navio até chegar no Brasil, chegaram no Brasil e se instalaram em “Fredo Save” isso ai o nono passou, mas eu não sei onde é porque eu nunca tinha perguntado eu era muito criança. Depois com o tempo eles foram morar, dizem que fosse ali perto de Marau, Vila Maria, moravam junto com nois, meus pais nasceram no Brasil e todos nós falamos em italiano. Naquela época era bastante vinho, parreiral, uva, tudo essas coisas. Só que lá eles saíram da Itália, porque lá na Itália, o bisavô falava pra mim, que não tinha nem lenha pra fazer fogo, nada, então eles secavam esterco de gado para fazer o fogo e essa região que eles tava era um deserto muito grande, então onde eles saíram da Itália pra vim aqui no Brasil (Guilherme Gasparin; Entrevista - 07 de julho 2016).

Com a fala desse entrevistado, é possível entender o processo de imigração das famílias italianas, pois, devido as péssimas condições nas quais viviam, aventurar-se em busca de novas oportunidades, era de fato uma possibilidade de mudar o estilo de vida.



De acordo com o Lazier (1986, p.57), “no ano de 1948, dos 4.955 habitantes cadastrados pela CANGO, 107 eram estrangeiras e apenas duas vieram da Itália e realizaram cadastro para receber terras”. Portanto os descendentes de italianos migrantes, que chegaram ao Sudoeste do Paraná, já estavam a duas ou três gerações no Brasil.

Sobre a migração no Paraná, Hermógenes Lazier, afirma que:

A partir de 1930, o Norte o Oeste e Sudeste do Paraná foram ocupados por migrantes de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e nordestinos. Em verdade o Paraná é a terra de todas as gentes. Tornou-se uma região multicultural e multirracial, uma mistura de sangue e cultura, talvez única no mundo pela sua diversidade (LAZIER, 2003, p.89).

Neste processo de hibridação, o Paraná aumentou sua população, graças ao processo de migração e de acordo com o mesmo autor (1986, p.56), tem-se o apontamento que, “até 1940 existiam poucos povoados no Sudoeste do Paraná. Era uma região quase desligada do restante do Brasil. O vínculo era maior com a Argentina”. A partir desta frase, é possível compreender a importância do Movimento Marcha para Oeste, pois este foi o marco que possibilitou a colonização do Paraná, e que gerou a necessidade de novas construções, para atender as demandas dos novos moradores.

Ainda na perspectiva de Lazier, no ano de 1940, alguns reservistas do exército solicitaram a doação de terras, levando as autoridades a pensar na criação de um núcleo na região, para executarem esta ideia. Em 1941, designaram uma comissão para análise e escolha do local. Em 14 de Agosto de 1942, o ministro Apolônio Sales, aprovou e sugeriu para a colônia o nome de General Osório. E finalmente no dia 12 de maio de 1943, o presidente Getúlio Vargas baixou o Decreto nº 12.417/43, que declarava a criação da Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), no estado do Paraná, instalada primeiramente no município de Pato Branco e só mais tarde na Vila Marrecas.

Sobre a questão Martins (1986), nos apresenta a criação da CANGO em mês diferente do que mostra Lazier

A Colônia Agrícola Nacional General Osório, fora criada pelo Presidente Getúlio Vargas em 12 de março de 1943, com o objetivo de promover a ocupação física da rica e extensa faixa de nossa fronteira, fixando nela, inicialmente, reservistas que haviam sido deslocados de seus afazeres rurais para prestação do serviço militar obrigatório e, posteriormente, outras famílias brasileiras que se comprometiam a observar as diretrizes emanadas do Departamento Nacional de Produção Vegetal, concernentes ao cultivo da terra, à demarcação das glebas, à proteção da flora, à conservação de picadas, caminhos, estradas, etc. (MARTINS, 1986 p.26).



Contudo indiferente do mês de criação, a região que era pouco povoada, teve intensificação no movimento migratório devido a instalação da CANGO. Assim, os grupos mais uma vez se aventuravam em busca de melhores condições de vida e à procura de terras férteis, pois “a história do posseiro é a história de muita luta, de muito sacrifício, de muito heroísmo” (LAZIER, 1986, p.55).

Quando os migrantes chegavam na Vila Marrecas, a CANGO era responsável por realizar os cadastros e distribuição de ferramentas, utensílios e sementes. O entrevistado Gasparin (2016), relatou que “[...] naquela época, a CANGO te dava uma fichazinha pequena e duas três foices, picão e inchada para tu vim trabalhar... se colocamo aqui comprando o direito das terras”[...]. De acordo com o entrevistado, ocorria a entrega de alguns acessórios, para iniciar o cultivo da terra, e este gesto era suficiente para as famílias reiniciarem suas vidas.

É voz corrente na comunidade que foi com muito trabalho e sacrifício, que os posseiros iniciaram as plantações nas terras férteis, do Sudoeste. Segundo Lazier (1997, p.31), “o Sudoeste do Paraná constitui uma das novas regiões agrícolas do Paraná, povoada por agricultores gaúchos e catarinenses descendentes de imigrantes italianos e alemães. Isso ocorreu a partir de 1943 com a instalação da CANGO”.

Niederheitmann (1986, p.49), aponta que “Francisco Beltrão, ao início de seu povoamento, pela ação da CANGO, quando, ainda era Vila Marrecas e pertencia ao Município de Clevelândia, não integrava o Paraná, mas, sim o Território Federal do Iguazu”. Portanto, neste período os migrantes não conheciam esta região por Paraná.

O povoado da CANGO, aumentou gradativamente, e aos poucos o nome Vila Marrecas foi perdendo seu significado. O povoado logo passou a distrito, sendo conhecido por Município e comarca de Clevelândia. O governo do Paraná, em homenagem a Francisco Gutierrez Beltrão, pessoa responsável pela medição e demarcação das glebas, e também responsável pelo início ao trabalho que deu origem ao povoamento da região, nomeou o distrito de Francisco Beltrão. Sobre a criação do município Niederheitmann, afirma que,

Então, em 1951, quando o governo do Estado cria diversos municípios, em todo o Paraná, Francisco Beltrão é incluído. A Lei nº 790 de 14 de novembro de 1951, aprovada pela Assembléia Legislativa e sancionada pelo então Governador do Estado do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto, cria o Município de Francisco Beltrão, desmembrado de Clevelândia (NIEDERHEITMANN, 1986, p.65 - 66).



Com o crescimento da população, a CANGO realizou importantes obras para o desenvolvimento social, e cultural da Vila Marrecas - Francisco Beltrão. Para atender esta demanda, construiu escolas, estradas, pontes, primeiro hospital, primeira farmácia, selaria, olaria, marcenaria, entre outras bem feitorias.

A partir do crescimento da Vila Marrecas, outras colônias começaram a surgir, dentre elas a colonização do Km 20, e que posteriormente se organizará a Comunidade de São Pio X.

#### **4. Colonização: Comunidade São Pio X – Costumes Religiosos**

A comunidade São Pio X, é chamada e conhecida também por Km 20, devido a distância que possui em relação ao centro urbano do atual município de Francisco Beltrão. Seu povoamento, de acordo com as manifestações dos moradores, ocorreu antes de 1953.

Um aspecto que merece reflexão na vida dos imigrantes, principalmente poloneses e italianos, é o religioso e o papel da igreja e dos padres. Havia uma verdadeira união entre os imigrantes, a igreja, a paróquia e o sacerdote. O padre era quase sagrado, intocável e comumente era o mais letrado da comunidade (LAZIER, 2003, p. 92).

Todos os relatos que circulam sobre a história da comunidade, apontam que a região foi ocupada predominantemente por famílias de descendência italiana que, adotaram como uma das primeiras medidas, a construção da primeira igreja na comunidade do km 23.

Os migrantes mudaram suas residências mas trouxeram consigo suas tradições culturais e religiosas, esta afirmação ocorre de acordo com a entrevista do morador da comunidade, que veio para Francisco Beltrão em 1953.

[...] nascido em Rio Grande - Vila Maria, veio morar no km 23 com 8 anos de idade, [...] O pai comprou um terreno no 23, no meio do mato, passamos bastante dificuldades. [...] onde foi construído uma igreja de madeira pequena 3x4 e a população já era bastante grande, onde que imediato foi feito uma igreja bem grande e todo pessoal que trabalhava na construção da igreja ficava lá em casa, então nos dava, almoço, janta, tudo lá. [...] tinham mais de 300 pessoas que eram sócias dessa igreja, pertenciam a diversas comunidades, mas era tudo nessa igreja ali [...] (Guilherme Gasparin; Entrevista - 07 de julho 2016).

Como é possível perceber na narrativa do entrevistado, logo que os descendentes de italianos começaram a se organizar, uma das primeiras edificações erguidas, foi a igreja, que foi assumida como atividade de coletividade. Todas as comunidades participavam no Km 23, porque até o momento era a única igreja na região. Até que, um morador da comunidade Km 20, resolveu construir um pequeno oratório na comunidade, e chamaram o padre para fazer a benção do local e a



partir de então os moradores começaram a frequentar o novo lugar identificado como espaço para realizar orações. Mais tarde construíram uma grande igreja de madeira.

Fotografia 1 - Moradores da comunidade São Pio X – Domingo de Ramos, na igreja de madeira.



Fonte: Acervo fotográfico da família Bósio (2016).

As imagens fotográficas, pode ser muito mais do que uma lembrança, [...] “é um registro documental de acontecimentos, pessoas e lugares, tornando-se importante enquanto fonte de pesquisa para a história” (PREDEBON, 2010, p.285). Assim, através das fotografias podemos acessar o passado (ainda que saibamos que ele é sempre criação). O intuito da apresentação da imagem, é mostrar os moradores reunidos, demonstrando que a religiosidade era fazedora do vínculo social, nos encontros religiosos também sacralizavam o estar junto.

Na entrevista, o senhor Gasparin (2016), relatou que “o pioneiro Wili da Silva Franco, construiu a primeira igreja na comunidade do km 20”. E há aproximadamente quarenta anos, construiu-se a atual igreja de alvenaria. De acordo com os documentos analisados e as entrevistas, as terras onde está a igreja da comunidade, foram doadas oficialmente pelo morador Alberto Passini, no ano de 1968. A seguir, apresento a imagem de como é a igreja na atualidade.

Fotografia 2 - Igreja da Comunidade – São Pio X – 2016



Fonte: Aline Tortora de Oliveira, 2016.



Referimos o processo de criação da igreja, outra edificação que tem centralidade no processo de identidade da coletividade é a escola local.

No Regimento da Escola Basílio Tiecher (Francisco Beltrão, 2012), encontra-se a informação de que no ano de 1961, as lideranças locais, estavam com o desejo de mudar o nome da comunidade do km 20, para São Pio X, em honra ao Papa e padroeiro da igreja da comunidade. Desse modo, através do projeto de lei encaminhado pelo então vereador e subprefeito Basílio Clemente Tiecher à Câmara Municipal de Vereadores de Francisco Beltrão, aprovou-se a lei de alteração do nome da localidade, reconhecida a partir de 21 de novembro de 1961 como São Pio X.

Niederheitmann (1986, p. 63) apresenta o gráfico com as informações do “início do povoamento das localidades”, e o surgimento da comunidade São Pio X; - Segundo o autor, o povoamento desta localidade aconteceu no ano de 1952. O entrevistado Gasparin (2016), relatou:

Existia aqui no 20 um tal de Fonseca que tava construindo uma casinha mais ou menos naquela época que era no ano 53, mas nos tinha três tios aqui no km 23 no ano 47, que eles vieram na frente, mas sofreram muito de mais, dai nós viemos em 53. Quando chegemo tinha três moradores, tal do Chico Paiola, pensa no nome, Nerzico Camargo e Eduardo Fonseca (Guilherme Gasparin; Entrevista - 07 de julho 2016).

Se levarmos em consideração as narrativas do morador, é possível perceber os primeiros moradores que colonizaram a região, e a partir disto falarei sobre a primeira escola da comunidade.

## **5. A História da Educação na Comunidade São Pio X – Escola Basílio Tiecher**

Com a instalação da CANGO em 1943 na Vila Marrecas, ocorreu um grande aumento da população, e crianças em idade escolar, assim surgindo a necessidade de construir escolas. A CANGO realizou a construção da primeira escola na Vila Marrecas em 1948, tendo como primeira professora contratada a Italina Zancan Scotti. A construção desta escola, foi um marco para o progresso do Sudoeste, pois a partir desta, outras começam a ser construídas para possibilitar educação para os filhos dos colonos. Cattelan (2013), afirma que:

A construção das escolas rurais e a manutenção das mesmas, em toda a Colônia, representou um avanço para a região, pois naquele período o interior do Paraná e principalmente a região do Sudoeste, ainda dispunha de pouquíssimos locais para a escolarização das crianças, e os poucos que contavam, as condições eram precárias (CATTELAN, 2013, p.92).



Com a informação exposta pela autora, sobre os poucos locais de escola, faz lembrar-me das escolas particulares existentes nesse período, onde as aulas aconteciam na casa da professora. Conforme entrevista com o morador Gasparin (2016) ele afirma:

Eu fui na aula lá dois anos lá pertencendo a Vila Maria, perto de Marau. Fui dois anos na aula e não consegui ver a professora dez vezes, ela costurava num quarto separado da escolinha, daí ela mandava um rapaz de 14 anos fazer conta e passa pra nois, mas tu não sabia nada, sabia nada, daí os pais onde que se revoltaram daí aquela professora saiu, e daí veio outra professora, eu tive quarenta dias de aula com esta professora, parecia que eu sabia tudo, tudo, de tanto que ela ensinava, onde que eu aprendi com esta professora quarenta dias, coisa seríssima [...]. Daí quando nois viemo pra cá, fiquemo tempo no meio do mato sem estudar. Depois quando eu tinha 12 anos comecei estudar de novo. Nos era em 63 criança que estudava no Palmeirinha, e eles me chamava professor com 12 anos, porque eu dava aula 45 minutos nesta escolinha, porque a professora ia fazer almoço, mas ela preparava a aula e eu passava no quadro e passava tudo pras crianças, que a gente começou no começo com a professora Jacir Bussato. [...]. Não sei se tinha algum registro, porque era numa casa particular, na casa de família, então essa casa de família tinha a professora, daí eu não sei como é que ela ganhava, se era alguma coisa da CANGO, isso eu não posso te passar porque eu não sei, ali eu fiz até a terceira série, depois teve outra escolinha ali no 23 que a gente estudou lá bastantinho também, daí onde que foi subindo mais, e depois o mobrai aqui no 20 [...](Guilherme Gasparin; Entrevista - 07 de julho 2016).

Neste relato sobre as escolas da época do morador Gasparin, é possível concluirmos que eram precárias as condições de estudo, e qualquer pessoa que recebesse educação formal, poderia ensinar os demais, e transformar-se em professor. Tal observação é corroborada pelo entrevistado, quando afirma “me chamavam de professor com 12 anos...” o fato relatado demonstra que, o aluno que tivesse frequentado a escola por mais tempo, podia ser reconhecido como professor e gradativamente, lecionar para seus colegas. Ainda em relação as escolas da região a autora Oliveira (2001), comenta.

As escolas de povoados, colônias e bairros não constavam na classificação por terem em funcionamento escolas particulares com subvenção e, conseqüentemente, professores particulares e não aqueles concursados para carreira do magistério público, como o caso dos professores lotados em escolas classificadas por entrâncias (OLIVEIRA, 2001, p.147).

Muitas escolas existiram, sem que tivessem a documentação formal de reconhecimento. Tais argumentações são feitas por Cattelan (2013, p.83), quando descreve que “até 1957, a CANGO construiu 27 escolas”, tanto na colônia como também nas comunidades do interior. Assim, a escola na qual me lanço em pesquisa é apresentada pela autora como “escola número “12” é localizada no km 20 tendo como primeira professora contratada “Erides Amalin Tiecher”, enquanto a escola número “16” Sede do km 14, tem como primeiro professor Palotino Honorato Teixeira.

De acordo com o documento disponível na Escola Basílio Tiecher, a primeira escola da comunidade surgiu em 1954, com o professor Palotino Honorato Teixeira, que ministrava aulas



para uma turma, na sua casa. Posteriormente foi construída uma instituição de ensino com uma sala de aula, no qual este professor permaneceu até 1957.

Martins (1986, p. 291), afirma que “várias escolas, instaladas pela Colônia, foram extintas, sendo seus professores exonerados” Cattelan (2013, p. 58), apresenta em suas tabelas que no ano de 1957 ambos professores citados aparecem na relação de exonerados.

Há uma convergência de nomes e informações referente ao primeiro professor da escola Basílio Tiecher, ainda precisarei aprofundar as investigações e confrontar documentações para obter as informações da escola.

Com o passar do tempo muitas comunidades fecharam as portas das escolas, devido à falta de alunos e recursos. Mas, a escola manteve-se em funcionamento, e sua edificação foi ampliada com a construção de mais salas de aula, com incremento no número de alunos e professores.

Após a construção, a escola recebeu o nome de Basílio Tiecher em homenagem ao patrono Basílio Clemente Tiecher. Basílio, era considerado um ícone, que merecia ser homenageado pela população da Comunidade São Pio X. Na imagem a seguir, está a escola de madeira construída em 1957.

Fotografia 3 – Escola de madeira - Alunos e professores da comunidade.



**Fonte:** Acervo fotográfico da família Gasparin (2016).

No período de 1977 a 1983, o candidato eleito a prefeito de Francisco Beltrão, foi o João Batista de Arruda, e este desenvolveu políticas voltadas para as comunidades rurais da região. De acordo com Niederheitmann (1986, p.87) a prefeitura Municipal neste período, procurou dar à população melhoramentos na educação, através da realização de: “[...] Implantação do 1º grau completo nos distritos de Jacutinga e São Pio X e nas localidades de Rio Tuna, Secção Jacaré e Ponte Nova do Cotegipe [...]”, sendo assim, a escola passou a receber alunos para o 1º grau.



Apresento a seguir, a imagem da atual escola da comunidade, responsável hoje por atender alunos de várias comunidades vizinhas.

Fotografia 4 – Escola Municipal Basílio Tiecher – 2016.



**Fonte:** Aline Tortora de Oliveira, 2016.

Esta escola tem muita história para contar, pois a mais de 62 anos desenvolve atividades educacionais na comunidade de São Pio X. Para tanto, o entrevistado Gasparin (2016) relata:

Depois a gente casou, dai nois tivemo o Mobral aqui no km 20, onde que daí a gente foi estudando mais, o Mobral era pra essas pessoas mais de idade que não tiveram a oportunidade de estudar antes, porque eles que estudavam de catorze anos pra mais, eles eram preso, então esse Mobral ele cedeu aqui no km 20, dez anos, então onde conseguiu trazer bastante pessoas daquela época que não podia estudar com catorze anos a mais (Guilherme Gasparin; Entrevista - 07 de julho 2016).

Podemos perceber a importância da escola na comunidade, ela exerce papel de extrema importância na vida de cada morador, pois através dela muitos conseguiram estudar mesmo depois de adultos, e os seus filhos também tiveram o direito garantido de frequentar o espaço escolar.

## 6. Conclusões

O artigo, foi desenvolvido através de pesquisas documental sobre a comunidade de São Pio X – Km 20, interior de Francisco Beltrão PR. Utilizei entrevistas, consultas em arquivos de fotos e documentos dos moradores, da igreja e da escola para conseguir assim acessar todas as informações necessárias, respondendo a minha problemática de pesquisa.

Entender o processo de colonização do Sudoeste do Paraná, bem como identificar o surgimento da comunidade já citada, e o processo de criação das igrejas e escolas, nos permite conhecer e compreender a comunidade de São Pio X. Vale salientar, que a pesquisa está em desenvolvimento e neste artigo abordo de maneira sucinta, questões que merecem aprofundamento.

Busco registrar a história desta comunidade, pois desta maneira as informações estarão disponíveis as novas gerações, nos quais poderão usufruir desta pesquisa, para entender e conhecer o contexto histórico do lugar onde vivem.



## 7. Referências

CATTELAN, Carla. **Educação rural no município de Francisco Beltrão entre 1948 a 1981: a escola multisseriada.** Dissertação de Mestrado, Francisco Beltrão, 2014.

FRANCISCO BELTRÃO. **Escola Municipal Basílio Tiecher - Projeto Político Pedagógico – Construção Coletiva,** 2012.

LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no sudoeste paranaense.** Curitiba, SECE/BPP, 1986.

LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no sudoeste paranaense.** 2º edição – setembro, 1997 - Francisco Beltrão; Grafit.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: Terra de todas as gentes e de muita história.** Francisco Beltrão; Grafit, 2003.

MARTINS, Rubens da Silva. **Entre Jagunços e Possiões.** Curitiba - 1986

NIEDERHEITMANN, Luiz Carlos. **Das matas primitivas a Polo de uma região - Abordagem histórica de Francisco Beltrão.** Dissertação de Mestrado, Francisco Beltrão – 1986.

SCHNEIDER, Cláides Rejane. SILVA, Cleverton Luiz da (Org.). **História: traços de cultura e memória – Francisco Beltrão: Grafisul,** 2010.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins - **Organização Escolar no início do século XX: o caso do Paraná.** Educar, Curitiba, n. I 8, p. 143-155. 2001. Editora da UFPR.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização – Curitiba: Lítero – Técnica,** 1985.

<http://kdfrases.com/frase/118679>. (Frase utilizada na introdução) - Acesso em 09/07/16 - às 01h 15min.

Entrevista: GASPARIN, Guilherme. 07 de julho de 2016.